

“A ROGÉRIA SOU EU”: A CONSTITUIÇÃO DISCURSIVO-MIDIÁTICA DO SUJEITO TRANS FEMININO NO JORNAL *LAMPIÃO DA ESQUINA* (1981)**"ROGÉRIA IT'S ME": THE DISCURSIVE-MEDIA CONSTITUTION OF THE TRANS FEMALE SUBJECT IN *LAMPIÃO DA ESQUINA* NEWSPAPER (1981)**

Nayara Nicolly Braga¹
Marcos Paulo de Azevedo²

RESUMO: Este artigo possui como objetivo analisar o processo de constituição discursivo-midiática do sujeito trans feminino à luz das contribuições oferecidas pelos Estudos Discursivos Foucaultianos, mais especificamente aquelas voltadas à investigação dos procedimentos e modos de subjetivação, levando-se em consideração as interdições propiciadas pelos mecanismos de poder. O *corpus* da presente pesquisa é composto por uma entrevista realizada com a atriz Rogéria presente na edição de número 32 do jornal *Lampião da Esquina*, publicada no ano de 1981. Para tanto, partimos de uma abordagem descritivo-interpretativa do referido *corpus* a partir do método arqueogenealógico foucaultiano. O movimento de análise da referida materialidade revelou que a instância midiática daquela época provocava procedimentos de interdição do sujeito trans, mas também possibilitava novos modos de subjetividade.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetividade. Mídia. Transexualidade.

ABSTRACT: This article aims to analyze the process of discursive-media constitution of the trans female subject in the light of the contributions offered by Foucauldian Discourse Studies, more specifically those aimed at investigating the procedures and modes of subjectivation, taking into account the interdictions provided by the mechanisms of power. The *corpus* of the present research is composed of an interview with the actress Rogéria, published in the 32nd edition of the newspaper *Lampião da Esquina*, in 1981. To do so, we take a descriptive-interpretative approach to this *corpus*, using the Foucauldian archaeological method. The analysis of this materiality revealed the existence of discursive practices that point both to procedures of interdiction of the trans subject by the investigated media instance, as well as to resistance movements that led to new modes of subjectivation for the subjects of that time.

KEYWORDS: Subjectivity. Media. Transsexuality.

1 Considerações iniciais

A temática da transexualidade possui grande relevância no hodierno cenário brasileiro de incessantes lutas e duras conquistas dessa classe. Desse modo, Bento (2006) assevera que as primeiras discussões em torno da transexualidade surgiram no início do século XX, por parte da instância médica, na qual privilegiava-se o viés patológico. Nesse sentido, durante décadas, tais saberes patologizantes advindos da medicina contribuíram para a cristalização de sentidos nocivos relacionados ao sujeito transexual, o que se evidencia pelo termo “transexualismo”, cujo sufixo “ismo”, no campo da medicina, designa doença, de forma mais específica, doença mental.

¹ Aluna de Mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: nayaranicolly@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0184-0776>.

² Professor do Departamento de Letras Vernáculas (DLV) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: marcospaulo@uern.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2194-5751>.

Nesse contexto, vale ressaltar que por um longo período, a transexualidade foi considerada enquanto um transtorno mental, conforme constava na 10ª Classificação Internacional de Doenças (CID), vigente desde 1990. Somente no ano 2019 a Organização Mundial de Saúde (OMS), por meio da 72ª Assembleia Mundial da Saúde da Organização das Nações Unidas (ONU), oficializou a retirada da transexualidade da lista de transtornos mentais, incluindo-a no capítulo de “condições relacionadas à saúde sexual”, classificando-a enquanto uma “incongruência de gênero”. Isto é, somente após 28 anos, sujeitos transexuais foram, de fato, reconhecidos enquanto indivíduos que necessitam de assistência médica/social, assim como qualquer outra pessoa, e não enquanto pacientes psiquiátricos.

Compreende-se, portanto, que as questões em torno da transexualidade são atravessadas por uma série de saberes construídos e naturalizados, de forma histórica, não só pela instituição médica, mas por diversas instâncias. Dentre elas, destaca-se, também, a instância religiosa, que historicamente classifica, não só sujeitos transexuais, mas toda a comunidade LGBTQIA+, enquanto indivíduos “pecadores” face aos seus preceitos, de modo a produzir uma série de preconceitos, além de reforçar o padrão heteronormativo e a estrutura binária de gênero.

Ressalta-se, ainda, a instância midiática enquanto um importante artifício utilizado, historicamente, com a finalidade de fabricar condutas que se adequem aos padrões imperativos advindos dos mecanismos de poder-saber, destacando-se os padrões estéticos, comportamentais e de gênero/sexualidade. Logo, podemos compreender os veículos midiáticos enquanto expressivos produtores de verdades sobre a transexualidade, já que através da transmissão e naturalização de saberes em torno das estruturas de gênero, produz percepções negativas sobre o sujeito transexual, influenciando diretamente na forma pela qual esse sujeito é visto em sociedade.

Desse modo, este estudo possui como objetivo analisar os processos de constituição do sujeito trans feminino no âmbito midiático. A coleta do *corpus* privilegiou o gênero discursivo entrevista e se construiu através de uma materialidade pertencente ao mencionado gênero, retirada do jornal *Lampião da Esquina*, no qual, das 38 edições, incluindo a número zero, de circulação restrita, e mais outras três edições extras, escolheu-se a edição número 32, publicada no ano de 1981. Logo, na referida edição do jornal, observou-se a presença de reportagens, cartas, notas, anúncios e entrevistas; todos os gêneros pautados em questões relacionadas ao movimento homossexual, à sexualidade, além de, também, questões de cunho social e político. Desse modo, faz importante salientar que o mencionado jornal era veiculado dentro do contexto da imprensa alternativa, em período ditatorial brasileiro, ficando conhecido como “primeiro jornal gay” do Brasil. Nessa perspectiva, escolheu-se uma entrevista específica, realizada com a atriz e cantora Rogéria, na qual abordava-se temas relacionados às suas perspectivas, anseios, carreira e vida pessoal.

Para efeitos de organização, este trabalho estruturar-se-á da seguinte forma: inicialmente, nesta seção introdutória, contextualizamos a temática e expomos nosso objetivo; na segunda seção, explanaremos as concepções de sujeito a partir das três fases do pensamento foucaultiano; na terceira seção, discutiremos questões em torno das relações de poder-saber e do corpo; na quarta seção, realizamos a análise da entrevista com base nas contribuições teórico-metodológicas discutidas nas seções anteriores; por fim, apresentamos nossas considerações finais.

2 O sujeito a partir de uma perspectiva foucaultiana

Inicialmente, é preciso enfatizar que a concepção de sujeito, para os Estudos Discursivos Foucaultianos, não representa uma noção atrelada a um ser humano individualizado, ou seja,

um indivíduo que possui sua existência específica e pessoal em sociedade. O sujeito, segundo Fernandes (2008), necessita ser considerado enquanto um ser social que possui sua existência em uma superfície socioideológica e em um determinado período histórico. A Análise do Discurso, nesse sentido, pontua que o sujeito é heterogêneo, insere-se em um contexto sócio-histórico específico e constitui-se a partir de múltiplas vozes sociais.

Nessa lógica, para Foucault (1995, p. 235), “há dois significados para a palavra *sujeito*: sujeito a alguém pelo controle e dependência. E preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e toma sujeito”. Compreende-se, pois, que a reverberação das referidas formas de poder recai sobre a maneira de agir e de pensar dos indivíduos. Pode-se entender enquanto uma soma de ações propiciadas pelas relações imperativas sobre as ações dos sujeitos.

Nesse seguimento, as três fases do pensamento de Foucault, a saber: arqueológica, genealógica e ética, possibilitam-nos a compreensão dos processos de constituição dos sujeitos através de diferentes concepções que dialogam e se complementam entre si. Desse modo, de acordo com Carvalho (2008, p. 18), a produção intelectual de Foucault encontra-se relacionada a três eixos: “a) da verdade por meio da qual nos constituímos como sujeitos do saber; b) do campo de poder por meio do qual nos constituímos como sujeito de ação sobre os outros e c) da ética por meio da qual nos constituímos como agentes morais”. Assim sendo, infere-se que ao decorrer de suas obras a questão do sujeito será examinada a partir de três perspectivas específicas, possuindo focos investigativos distintos.

Nessa perspectiva, podemos citar duas principais obras que integram a primeira fase do pensamento de Foucault, denominada de arqueológica. A primeira, *As palavras e as coisas* (1966), em que o autor privilegiará a compreensão de questões relacionadas à relação entre a linguagem e o sujeito, bem como as circunstâncias que possibilitaram o surgimento dos dois mencionados elementos no início da modernidade. Nessa obra, portanto, Foucault ressignifica a concepção de sujeito moderno, representando-o não como principal produtor do conhecimento, mas sim enquanto produto do saber, sendo constituído, inclusive, através desse. A segunda, *A arqueologia do saber* (1969), obra escrita com a finalidade de responder questionamentos metodológicos empreendidos na produção anterior. Nesta obra, Foucault se propõe a compreender o processo do conhecimento e legitimação dos saberes de uma determinada época, investigando as suas práticas discursivas e constitutivas. Dentre os conceitos expostos ao decorrer da obra, atribui-se enfoque à concepção de Formação Discursiva, já que é por meio dela que se busca compreender as regras de formação de um dado discurso. Logo, é através da referida obra que Foucault busca explicitar, de maneira sistemática, seu método arqueológico.

Já na segunda fase do pensamento foucaultiano, denominada de genealógica, o autor privilegia a investigação referente à constituição dos sujeitos a partir dos diferentes dispositivos de poder-saber que constantemente o envolvem, alterando seus corpos e, conseqüentemente, construindo suas subjetividades. A fase genealógica representa, nesse sentido, o estudo acerca das formas de poder em suas mais distintas configurações e complexidades. As principais obras que integram a fase genealógica do pensamento de Foucault são: *Vigiar e punir* (1975) e *História da sexualidade – a vontade de saber* (1976). Nesse sentido, *Vigiar e punir* representa a estreia do método genealógico, já que nela Foucault privilegia as relações de poder exercidas no âmbito prisional, atribuindo ênfase aos procedimentos de produção de saber e, sobretudo, de disciplinarização que constituíam, de forma normatizadora e impositora, os indivíduos da época.

Em *História da sexualidade – a vontade de saber*, Foucault se propõe a realizar uma investigação acerca da genealogia da sexualidade, levando-se em consideração os mecanismos de poder que a perpassam. Logo, ao decorrer da obra, Foucault aponta o processo de regulação

do sexo, não por meio de procedimentos repressivos, mas sim a partir de discursos proferidos por instituições que possuíam o controle de proliferação e legitimação de saberes acerca da sexualidade, a exemplo: instituições médicas, religiosas ou pedagógicas. Por meio de tais acontecimentos, criou-se um agrupamento específico de elementos em volta do discurso referente ao sexo, denominado de dispositivo da sexualidade. Faz-se importante salientar, ainda, que na referida fase genealógica o autor possibilita a ligação entre os dois métodos, com o intuito de compreender de que forma determinados saberes passaram a ser usados enquanto mecanismos de poder, possuindo o intuito de constituir os indivíduos enquanto sujeitos.

Na terceira fase do pensamento foucaultiano, denominada de fase ética, o autor se volta ao mundo grego do século IV e, também, ao mundo romano do século II, com o intuito de investigar os modos pelos quais os indivíduos, inseridos nas sociedades ocidentais modernas, constituem-se enquanto sujeitos de seus próprios atos. Assim, as principais obras que compõem a fase ética do pensamento de Foucault são: *História da sexualidade – o uso dos prazeres* (1984) e *História da sexualidade – o cuidado de si* (1984). Nas duas obras, privilegia-se o âmbito da sexualidade, com a finalidade de analisar a forma pela qual os indivíduos se autorreconhecem enquanto sujeitos morais de uma determinada conduta sexual, com o objetivo principal de examinar a maneira pela qual constitui-se “a relação de cada um consigo mesmo, e, no caso, com o próprio sexo e, a partir daí, como se constrói e emerge sua subjetividade” (CARVALHO, 2008, p. 25).

Nesse contexto, de acordo com Carvalho (2008), as questões em torno da sexualidade se destacam na fase ética do pensamento de Foucault por atuarem enquanto um específico sistema no qual empreende-se distintas maneiras de interdição, cujo intuito é levar os indivíduos a refletirem e, por conseguinte, a falarem sobre suas próprias vontades pessoais, tornando-se sujeitos de seus desejos.

Assim como em *História da sexualidade – o uso dos prazeres*, em *História da sexualidade – o cuidado de si*, Foucault estabelece continuidade acerca das questões em torno do domínio de si, atribuindo ênfase à cultura de si. Na obra, com a finalidade de dar prosseguimento à fase ética, o autor elege cinco modalidades, as quais encontram-se relacionadas às relações consigo mesmo. De acordo com Carvalho (2008), a primeira modalidade refere-se aos princípios filosóficos da Grécia antiga acerca do cuidado de si, partindo da concepção de pensadores fundantes da época.

A segunda encontra-se representada pela realização de exercícios diversos, com o objetivo de cuidar da saúde e, por conseguinte, da materialização corpórea. A terceira modalidade refere-se à relação do cuidado de si com a prática médica. Já a quarta encontra-se relacionada à junção de diversas técnicas de si, com a finalidade de obter o conhecimento de si. E, por último, a quinta modalidade, que privilegia “o princípio do bem geral da conversão de si” (CARVALHO, 2008, p. 28).

Nesse sentido, a partir do exposto acerca das três fases foucaultianas, conclui-se que o sujeito representa um elemento histórico em constante construção e transformação. Ao decorrer das três fases de seu pensamento, o sujeito percorre uma complexa trajetória; sendo, primeiramente, constituído enquanto produto das relações de saber. Posteriormente, subjetivado por meio das relações de poder exercidas através dos saberes cristalizados e naturalizados socialmente. E, por fim, constitui-se enquanto um sujeito ético, passando a ter consciência de seus atravessamentos e atuando, por conseguinte, sobre seu próprio ser.

3 Relações de poder-saber e corpo

Podemos observar que as questões em torno do sujeito representam o objeto principal dos estudos realizados por Michel Foucault em todas as fases de seu pensamento. Nesse sentido,

faz-se importante salientar que tais questões se encontram intrinsecamente relacionadas às relações de poder. É em meio as relações de poder-saber que Foucault pensa a constituição do sujeito, isto é, todas as relações interpessoais são atravessadas pelos jogos de poder. Nesse sentido, infere-se que a compreensão acerca dos processos de constituição dos sujeitos necessita profundamente do entendimento sobre o exercício do poder, posto que os sujeitos são frutos das relações de poder. Nesse sentido, cabe pontuar que

o poder é algo que se efetua, que funciona. E funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada num lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social. Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação (MACHADO, 2019, p. 17-18).

Compreende-se, portanto, que o poder não se manifesta obrigatoriamente na figura do Estado, por exemplo. O poder opera por meio de micro relações que atravessam o corpo social e atingem todos que vivem em sociedade, atuando como uma “rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível” (MACHADO, 2019, p. 17). Nas palavras de Foucault (2019a), o poder não se encontra centrado em instâncias institucionais e governamentais, como a Economia e a Política, ele habita nas relações interpessoais estabelecidas entre os sujeitos no interior das referidas instâncias. Faz-se importante mencionar que, apesar do poder não se ater necessariamente ao âmbito estatal, ele contribui para sua sustentação e garante seu efetivo exercício.

Nesse sentido, os dois significados estabelecidos por Foucault sobre a noção de sujeito, mencionados na seção anterior, o consideram em uma relação contínua de assujeitamento, isto é, o sujeito encontra-se imerso em relações de poder, sejam relações consigo próprio ou com o outro, que o aprisionam e, ao mesmo tempo, o constituem, haja vista que “o exercício do poder consiste em ‘conduzir condutas’ e ordenar probabilidades” (FOUCAULT, 1995, p. 244). Dessa forma, compreende-se que as relações de poder influenciam no modo como constrói-se e manifesta-se a subjetivação dos sujeitos.

Devemos considerar que o poder possuiu diversas configurações ao decorrer dos tempos. Após o século XVII, ocorreram mudanças relacionadas às suas formas de exercício e regulação. É nessa perspectiva que emerge o que Foucault (2010) denominou de poder disciplinar. De acordo com o autor, o poder disciplinar representa, portanto, o deslocamento do poder soberano para a sociedade, com o intuito de manipulação das massas. Assim, para Foucault (2010, p. 143) “o poder disciplinar é [...] um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior ‘adestrar’: ou sem dúvidas adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor”. Nessa perspectiva, o poder disciplinar se efetua sobre o corpo dos indivíduos através de procedimentos específicos, que têm por intuito a expansão e engrandecimento de seus mecanismos de força.

O poder disciplinar produz, nesse sentido, uma série de saberes que, de forma estratégica, moldarão o comportamento dos indivíduos, com a finalidade de dominá-los e utilizá-los na produção de bens, já que “o indivíduo moderno, enquanto produto da disciplina, não pode ser considerado como um elemento anônimo [...]; ele é singularizado, possui uma identidade a qual é marcada pela docilidade e utilidade” (CARVALHO, 2008, p. 24).

Podemos observar o principal alvo visado pelo poder disciplinar: o corpo. O poder disciplinar age sobre os corpos através de prescrições normativas referentes a padrões de sexualidade, de gênero, de beleza, de comportamento, com o intuito de discipliná-lo e adestrá-los conforme as regras e urgências sociais de uma determinada época. A disciplina, para Foucault (2010, p. 177) representa um “tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de

aplicação, de alvos; ela é uma ‘faísca’ ou uma ‘anatomia’ do poder, uma tecnologia”. A disciplina opera sobre os corpos através dos mais variados dispositivos construídos com base na cristalização de saberes dominantes, com o intuito de fabricar corpos submissos, isto é, *corpos dóceis* (FOUCAULT, 2010).

Nesse contexto, Milanez (2009, p. 218) assevera que o “corpo é investido por domínios de poder e de saber, ou seja, ter o seu corpo dominado por preceitos institucionais ou dominar seu corpo, imprimindo-lhes marcas singulares, é incluir-se como sujeito”. Podemos compreender, portanto, que o corpo habita no cerne das relações de poder-saber, relações estas que interferem nos processos de produção de subjetividade. Dito de outro modo, a subjetividade se constitui por intermédio do resultado do embate empreendido entre o sujeito e os mecanismos de poder, sendo manifestada, sobretudo, pelo corpo. Como corrobora Grosz (2000, p. 59-60) ao apontar que “é através do corpo que o sujeito pode expressar a interioridade dele ou dela e é através do corpo que ele ou ela podem receber, codificar e traduzir os estímulos do mundo externo”.

Nessa perspectiva, os sujeitos transexuais atribuem questionamento às estruturas binárias de gênero que organizam o âmbito sociocultural, sobretudo no que se refere às manifestações corporais. Em função de saberes produzidos pelas prescrições imperativas do poder e naturalizados através das mais diversas instâncias sociais, sobretudo a instância médica, o corpo trans é visto como *abjeto* (LOURO, 2004), sendo historicamente relegado ao âmbito patológico e, conseqüentemente, restrito às margens da sociedade. Os sujeitos trans sofrem frequentes processos de objetivação de seus corpos, sendo obrigados a buscar formas de resistir às interdições do poder. É nesse sentido que Foucault (2019b, p. 10) na obra *História da sexualidade - o uso dos prazeres*, propõe-se a analisar

As práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos de desejo, estabelecendo de si para consigo uma certa relação que lhes permite descobrir, no desejo, a verdade de seu ser, seja ele natural ou decaído.

É nessa perspectiva que Foucault retorna ao conceito do cuidado de si, princípio delfico relacionado ao cuidado da sua própria conduta perante si e perante os outros, que é externado e exercido através das chamadas técnicas de si. As técnicas de si, nesse contexto, representam um conjunto de práticas exercidas pelos indivíduos, com o intuito de reafirmar seu modo de vida e, por conseguinte, produzir sua subjetividade a partir delas.

As referidas técnicas de si encontram-se, pois, na esfera ética do pensamento de Foucault, em função da “ética ser a própria relação consigo mesmo; ela significa o tipo de relação que é necessário ter consigo mesmo, que determina como se supõe que o indivíduo se constitui a si mesmo como sujeito moral de suas próprias ações” (CARVALHO, 2008, p. 26-27) Nesse sentido, é por meio das técnicas de si que os indivíduos se autotransformam e se autoconstituem, possibilitando o conhecimento do domínio de si, definindo, desse modo, uma estética de existência. Nessa perspectiva, as técnicas de si, de acordo com Foucault (2014, p. 266)

Permitem aos indivíduos efetuarem, sozinhos ou com a ajuda de outros, um certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser; de transformarem se a fim de atender um certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade.

Assim sendo, percebe-se que é através das técnicas de si que os indivíduos enxergam a possibilidade de exercer práticas diretas sobre seus corpos, com a principal finalidade de constituir-se enquanto sujeito de uma determinada verdade acerca de si próprio. Nessa ótica, o sujeito trans constitui-se, como mencionado, através das relações de poder que o envolvem, mas constitui-se, também, através das técnicas de si que, neste caso, são representadas por meio de intervenções e performances corporais feitas com a finalidade de adequação estética aos traços do gênero com o qual se identificam.

4 Análise do sujeito trans feminino no jornal *Lampião da Esquina* (1981)

Munindo-se das discussões teóricas efetivadas anteriores, iniciaremos a análise da entrevista do jornal *Lampião da Esquina* (1981)³, realizada com atriz Rogéria. Inicialmente, faz-se importante considerar que os discursos a serem analisados trata-se de discursos de outra época, logo, as leituras que se tinha sobre o sujeito trans feminino naquele período, mais especificamente há 42 anos, eram diferentes. Já que como bem salienta Foucault (2008), os sentidos se constroem e se atualizam ao decorrer da história.

Inicialmente, faz-se necessário explicitarmos brevemente dois importantes conceitos que compõem a base teórico-metodológica da Análise do Discurso, a saber: Memória Discursiva (MD) e Interdiscurso. Assim sendo, para Fernandes (2008, p. 42) a memória discursiva constitui-se enquanto um “espaço de memória como condição do funcionamento discursivo. [...] acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, e de uma interdiscursividade, refletindo materialidades que intervêm na sua construção”. Nesse sentido, compreende-se que a MD possibilita a compreensão acerca da relação de sentido existente entre discursos que perpassaram a história. É através da MD que se torna possível o entendimento acerca de relações discursivas que foram, de determinada forma, ressignificadas por diferentes vozes ao decorrer dos séculos, nos mais diversos contextos sociais. Dito de outro modo, a MD se encontra relacionada à recorrência de determinados dizeres que se manifestam por meio de dadas condições de produção, podendo ser atualizada ou esquecida. Trata-se, pois, de uma memória que supõe o enunciado inscrito na história.

O interdiscurso, para Fernandes (2008, p. 42-43), representa a “presença de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos da história e de diferentes lugares sociais, entrelaçados no interior de uma formação discursiva”. Assim sendo, interdiscurso representa o movimento do discurso, uma espécie de articulação que marca o que já foi dito. Isto é, em um discurso encontram-se interdiscursos, que nada mais são do que a retomada a outros discursos, perpassando na constituição do sentido daquele dado discurso. O interdiscurso nada mais é que um discurso que remete a outro discurso “já-dito”. Assim sendo, compreende-se que o interdiscurso se constitui enquanto a relação entre discursos que possibilita a materialização dos sentidos proporcionados pela memória discursiva.

Nesse sentido, o enunciado que compõe o título da entrevista exhibe o seguinte: “*Rogéria super star: a camisa 10 dos travestis*” (SILVA, 1981, p. 08). Inicialmente, nota-se a presença de sentidos específicos, resgatados e ativados pelo interdiscurso e através de uma memória discursiva, em torno do trecho “camisa 10”. Ou seja, a camisa número 10 aponta para uma determinada regularidade discursiva, haja vista que no futebol brasileiro o jogador que a veste

³ A entrevista está disponível na íntegra em: <http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/36-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-32-JANEIRO-1981.pdf>. Acesso: em 03 maio de 2023. Obs: o único arquivo encontrado apresenta as páginas da entrevista de forma desordenada, Na ordem do PDF, a entrevista pode ser encontrada na página 10, página 7 e página 8.

representa o meia-atacante do time, responsável pela criação de lances ofensivos, sendo considerado um dos jogadores mais importantes. Logo, de forma análoga, Rogéria representaria o destaque da comunidade trans e travesti, o que se reforça no adjetivo que acompanha seu nome no enunciado: “super star”, atribuindo, mais uma vez, sentidos relacionados ao talento, ao mérito e ao prestígio. Rogéria seria a camisa 10 das travestis por ser considerada uma “super star”, isto é, uma grande artista.

Há de se notar, ainda, o uso do pronome masculino para se referir ao vocábulo travesti. Nesse contexto, faz-se necessário pontuar que apesar do jornal *Lampião da Esquina* possuir um teor progressista, em função da época no qual estava inserido, ainda não se tinha uma discussão aprofundada acerca da identidade de gênero travesti, ocorrendo uma determinada “confusão” dentro da própria comunidade. Isto é, naquela época, a identidade travesti não era considerada enquanto uma identidade feminina, posto que ainda se encontrava imbuído no imaginário popular a concepção de que a travesti representava apenas um homem gay vestido de mulher.

Nessa perspectiva, a entrevista dar-se-á início com a seguinte pergunta: “há quem diga que os travestis que põem silicone, operam e o diabo, não são homossexuais, seriam outra coisa; o que você acha disso?” (SILVA, 1981, p. 08). Rogéria responde que:

É tudo viado, querida. Só que, de repente, as pessoas que se põem travesti, se vestem de travesti, que se colocam vestidos de mulher, são de um QI tão baixo, que isso me deixa muito triste. Hoje em dia, só marginal é que se veste de mulher. Marginal que eu digo é de assaltar, botar navalha no bolso, e sair por aí vestido de mulher porque ganha fácil (SILVA, 1981, p. 08).

Inicialmente, entende-se que a posição sujeito ocupada por Rogéria era de uma pessoa famosa. Logo, ao se referir às travestis enquanto “tudo viado”, “marginal” e “de um QI tão baixo”, pode-se compreender que a entrevistada nega o lugar do feminino, de uma identidade de gênero feminina. Isto é, a posição sujeito materializada no discurso de Rogéria naquela época, nega esse lugar, já que historicamente existe um conjunto de efeitos de sentidos negativos e marginalizados em torno dessa classe. Assim, pode-se considerar essa negação enquanto uma *estratégia de resistência* (FOUCAULT, 2019) externada com o intuito de negar o lugar de marginalidade, defender a si própria e, conseqüentemente, com a finalidade de ser aceita pela sociedade e pelo mundo artístico.

Em seguida, questiona-se “por que você nunca quis fazer a linha transexual?” (SILVA, 1981, p. 08). Em resposta, a entrevistada expõe que

Operar realmente não faz a minha cabeça: de repente eu viraria eunuco! Eu já disse isso várias vezes, e tem umas operadas que não gostam muito de ler esse tipo de coisa. Acontece que elas precisam entender que a Rogéria sou eu. Elas são as operadas (SILVA, 1981, p. 08).

Desse modo, a entrevistada, ao se referir às mulheres trans enquanto “as operadas”, marca a separação existente entre ela e as mulheres transexuais, as tratando de forma marginalizada e depreciativa. Nesse sentido, vale salientar, também, que o vocábulo “eunuco” ativa uma memória discursiva relacionada a indivíduos cujos testículos e pênis foram removidos ou são congenitamente incapazes. Assim sendo, compreende-se que o referido termo apresenta uma carga profundamente pejorativa e marginalizada quando relacionado a sujeitos trans e travestis que optaram por realizar a cirurgia de redesignação sexual, já que segundo tal concepção “as operadas” ou “eunucos” não seriam mais capazes de sentir prazer, o que se

exemplifica na pergunta “*essas pessoas que “se tornam eunuco”, como é que conseguem gozar?*” e na resposta de Rogéria: “*gozam com a cara dos outros... (gargalhadas, risos, espermeios, tumulto geral na redação)*” (SILVA, 1981, p. 08). Os enunciados refletem, também, o falocentrismo; visão que estabelece a concepção de que apenas o pênis pode propiciar o prazer.

Nesse sentido, ao decorrer da entrevista Rogéria afirma que

Eu sei que tenho o sexo masculino, mas certas horas sou uma mulher fantástica. Tudo depende da vontade do freguês: ah, quer um homem? Então é de frente Agora, de costas, sou uma mulher perfeita. Uma mulher-surrealista. E, as operadas dizem que eu sou isso, que sou aquilo. Mas tenho mais é que falar, porque sou Rogéria. Eu penso, e meu pensamento são é o delas. Ou você acha que eu vou deixar que as pessoas riem de mim? Elas precisam entender uma coisa: quando a gente quer engordar um gato e impedir que ele continue transando, a gente caça; a gente faz isso com os leitões, com vários animais; inclusive com os racionais, que somos nós, queridas (SILVA, 1981, p. 08).

Nesse contexto, observa-se que a entrevistada afirma que possui o sexo masculino, mas que a depender da vontade do freguês, é uma mulher. Logo, pode-se relacionar o exposto ao conceito de performatividade de gênero desenvolvido por Butler (2010). Segundo a referida autora, a performatividade representa a constituição do gênero a partir da manifestação de uma série de atos, gestos, desejos e representações que “produzem o efeito de um núcleo ou substância interna que é produzida na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam o princípio organizador da identidade como causa” (BUTLER, 2010, p. 194). Assim sendo, nascer com o sexo masculino ou com o feminino não determina um tipo de comportamento previamente estabelecido, já que os indivíduos se comportam de maneiras específicas, haja vista que “[...] o ‘corpo’ aparece como um meio passivo sobre o qual se inscrevem significados culturais...” (BUTLER, 2010, p. 27).

Cabe mencionar, nesse sentido, que a referida performatividade se encontra relacionada ao desejo do outro, no caso, ao desejo daquele com quem o programa será feito. Nesse seguimento, observa-se, ainda, que a entrevistada, ao dizer “*e, as operadas dizem que sou isso, que sou aquilo*” (SILVA, 1981, p. 08) e, também, ao comparar de forma análoga à castração de animais ao processo de cirurgia de redesignação sexual, passa a ocupar uma posição sujeito que nega o procedimento cirúrgico. Logo, em sua concepção, a cirurgia não representaria uma técnica de si viável para que se pudesse viver a condição da transexualidade. Para a posição sujeito inscrita no discurso de Rogéria, não seria necessário realizar a cirurgia para performar feminilidade, ou seja, para ser considerada enquanto uma mulher.

Em sequência, o entrevistador problematiza o fato de que “*a maioria dos travestis procura ao máximo se assemelhar ao comportamento estereotipado da mulher, inclusive fisicamente*”. Logo após, questiona “*a cabeça desses travestis seria de homossexuais?*” (SILVA, 1981, p. 08). Em resposta, Rogéria comenta

É tudo mentira. O cara tá vestido de mulher, mas ele é apenas a caricatura de uma mulher. Eu me visto de mulher, mas não é porque eu me sinto uma mulher. Agora eu jamais usaria um bigode. E se eu vou sempre pra cama com homens, não me importo nem um pouco de ser ativo. Toda bicha que disser que se veste de mulher porque se sente mulher está mentido (SILVA, 1981, p. 08).

Nessa perspectiva, através do enunciado pode-se refletir novamente sobre o conceito de performatividade discutido acima, já que como enfatiza a entrevistada, apesar desses sujeitos se vestirem de mulher, de modo a performar feminilidade, não se identificam enquanto

mulheres, isto é, não deixam de ser homens, não abrem mão do “papel masculino”. Contudo, faz-se necessário apontar a existência, já naquela época, de sujeitos que adotavam vestimentas femininas com o intuito de assumir a posição de feminilidade e que eram deslegitimados e desrespeitados em sociedade, muitas vezes por indivíduos da própria comunidade, como faz Rogéria. Entretanto, deve-se considerar que, em função do período histórico, ainda havia pouco entendimento sobre as questões em torno de identidades de gênero trans e travesti.

Logo após, ao decorrer das discussões referentes a questões em torno da vida particular da entrevistada, Rogéria expõe que

Um homem tem mais coragem de ser passivo com alguém vestido de mulher do que com um guri vestido de homem. Porque na cabeça dele o negócio seria o seguinte: "Não, ela lá vestida de mulher, ela é uma mulher, é um sapatão". A fantasia total na cabeça do cara (SILVA, 1981, p. 08).

A partir do enunciado, observa-se o funcionamento dos processos de fetichização infligidos sobre esse corpo, haja vista que o corpo feminino que atrai esse homem é justamente um corpo específico que possui um elemento diferenciado: o pênis. Assim sendo, percebe-se a atuação positiva do poder, de forma a produzir, através do dispositivo da sexualidade, desejos sobre esse corpo considerado “exótico” e “proibido”. Nessa concepção, compreende-se que o poder atua positivamente, produzindo o desejo, produzindo o fetiche. Entretanto, ao mesmo tempo em que incita o desejo proibido sobre esse corpo, o condena, suscitando processos de fetichização.

Posteriormente, questiona-se “*você disse que mesmo aquelas de peito imensos têm cabeça de homossexual. E você, ainda se vê na obrigação de tomar hormônios?*” (SILVA, 1981, p. 08). Em resposta, Rogéria afirma que

Eu não tomo hormônios há oito anos. (Põe o peito pra fora e começa a mostrar para os entrevistadores, que ficam estarelecidos. Convida Dolores para dar uma palmadinha, e ela não se faz de rogada: com uma cara de deleite, confirma que os peitos de Rogéria são impecáveis, não têm uma glândula). Anda, pega mais! (SILVA, 1981, p. 08).

Complementarmente, questiona-se “*mas ficou assim por que?*”. Rogéria responde que simplesmente tomou hormônios e, quando parou com a medicação, “*eles não murcharam*” (SILVA, 1981, p. 08). Nessa perspectiva, observa-se a partir do enunciado acima, no momento em que Rogéria “*põe o peito pra fora e começa a mostrar para os entrevistadores*”, a necessidade da aceitação do olhar do outro, mais especificamente, a confirmação do corpo pelo olhar do outro, pelo toque do outro. Isto é, existe a necessidade de que o outro reconheça que, de fato, “*os peitos de Rogéria são impecáveis*”, para que esse sujeito obtenha a validação social que necessita. A confirmação do outro representa, portanto, uma importante técnica de si, já que causa transformações na alma desses sujeitos.

Em seguida, o entrevistador pontua que Rogéria possuía “*toda uma relação civil, um lado legal. Carteira de Identidade, nome, passaporte...*”. E questiona: “*como é que isso funciona, no meio da burocracia?*” (SILVA, 1981, p. 09). Em resposta, a entrevistada expõe que:

Ih, é a maior fechação! Geralmente eles me conhecem. E quando não me conhecem, minha presença física é mais importante. Eu não faço a piranha, não pareço uma piranha quando estou vestida de mulher, nem pareço com travesti; ando sem pintura, converso como uma mulher comum. Minha figura é muito feminina, passa sem maiores problemas (SILVA, 1981, p. 09).

A partir do enunciado, pode-se notar a forte presença da passabilidade. A passabilidade representa, pois, a capacidade que sujeitos trans possuem em “se parecerem” com sujeitos cisgêneros. Por exemplo, uma mulher trans parecer tanto com uma mulher cis, que ninguém notaria que ela é trans. Em função disso, torna-se comum sujeitos trans que possuem passabilidade ouvirem comentários transfóbicos semelhantes à: “você nem parece trans”. Vale apontar que a passabilidade de Rogéria se liga, também, à simplicidade que ela diz adotar, não se vestindo de forma extravagante, como “uma piranha”. Nesse sentido, faz-se importante salientar que tanto na época de veiculação da referida materialidade, quanto na sociedade hodierna, a busca da passabilidade por parte de sujeitos trans representa, ao mesmo tempo, a busca por segurança, haja vista que sujeitos que aparentam ou, de certa forma, confundem-se com cisgêneros sofrem uma menor quantidade de violências provocadas em função de sua identidade de gênero, além de receberem uma maior aceitação social.

Entretanto, vale destacar que nem todos os sujeitos trans possuem os recursos ou até mesmo o desejo de se submeterem a procedimentos estéticos ou cirúrgicos, com o intuito de obterem a passabilidade. Logo, o entendimento referente à identidade de gênero obrigatoriamente atrelada à aparência física se constitui enquanto uma das micro agressões infligidas socialmente aos sujeitos trans e relacionada ao direito que esses possuem sobre seus próprios corpos. Assim sendo, é notório que passabilidade provoca o fortalecimento de estereótipos de gênero, de modo a reforçar a concepção de que existe um padrão de gênero, proporcionando a exclusão e marginalização de sujeitos trans que não se adequam ou que não buscam a passabilidade.

No segmento da entrevista, fala-se sobre o fato de Rogéria ter quase estreado um programa de TV que, de forma repentina, havia sido suspenso. Quando questionada sobre os motivos da suspensão, a entrevistada aponta que:

Vão virar viado. Imagina, é a coisa mais incrível que alguém pode pensar. Eu fico completamente pasma: "Você não pode aparecer na tevê, sua bruxa, porque vai transformar todo o mundo em viado". Agora me digam, leitores do Lampião, meu jornal preferido: alguém influencia alguém? Não, queridos leitores, quando alguém é viado, já nasce com "estigma da crueldade". Não adianta, que ninguém faz a cabeça de ninguém; viado já nasce feito, ou cotão, se torna mais tarde, muito conscientemente (SILVA, 1981, p. 09).

Nessa perspectiva, compreende-se que tal discurso se perdura até os dias atuais, já que ainda se encontra imbuído no imaginário de indivíduos conservadores a concepção de que, por exemplo, caso seu filho assista um sujeito homossexual na TV, ele sofrerá forte influência e, por consequência, possivelmente também se tornará homossexual. Há de se notar, nesse sentido, a ausência ou a pouca presença de sujeitos transexuais protagonizando jornais, novelas, programas de auditório. Em função da transfobia socialmente institucionalizada, a mídia não oportuniza espaço para tais sujeitos, acarretando, em mais uma instância, a falta de representatividade trans.

Ao longo da entrevista, o entrevistador questiona qual banheiro a entrevistada utiliza. Em resposta, Rogéria expõe que utiliza sempre o banheiro feminino, e complementa enfatizando: “não vou no de homens, porque detestaria que as pessoas pensassem que eu estava entrando ali pra pegar numa piroca. Prefiro o banheiro de senhoras porque mulher nenhuma faz xixi na frente da outra, porque é privê” (SILVA, 1981, p. 09). Nesse sentido, no ano de 2019, o deputado estadual Douglas Garcia (PSL), proferiu um discurso com teor altamente transfóbico durante uma sessão plenária na ALESP (Assembleia Legislativa de São Paulo). Nas palavras do deputado: “se um

homem que se acha mulher tentar entrar no banheiro em que estiver minha mãe ou irmã, tiro o homem de lá a tapa e depois chamo a polícia”⁴.

Nesse contexto, a partir dos enunciados acima, podemos estabelecer um paralelo discursivo com a contemporaneidade, de forma a compreender que tais discursos seguem se atualizando no decorrer da história, ainda prevalecendo o preconceito e a exclusão de sujeitos trans quanto ao uso do banheiro, de modo a deslegitimar sua identidade. Assim, os dois discursos, apesar de tratarem da mesma temática, possuem contrastes totalmente diferentes. É notório que a referida questão representa uma problemática social que se perdura na história, haja vista que ainda hoje o Brasil não possui uma legislação específica a respeito do uso de banheiros por indivíduos trans. Assim sendo, vale salientar que negar o uso do banheiro de acordo com o gênero com que determinado sujeito trans se identifica representa uma prática discriminatória que fere a dignidade humana. O constrangimento do uso do banheiro por sujeitos trans representa somente a ponta do *iceberg* de um abissal mundo de agressões e violências vivenciadas cotidianamente por sujeitos trans, sobretudo por mulheres trans e travestis.

Por fim, o entrevistador comenta: “quando você falou que a mulher tem uma maneira puritana de ver as coisas não sei até que ponto é uma coisa inata, ou apenas de educação. A partir do momento em que haja uma modificação na educação da mulher, acho que isso tende a mudar muito” (SILVA, 1981, p. 10). O entrevistador complementa enfatizando que as feministas deveriam começar o trabalho a partir do modo de criação de seus filhos, de forma a não repetir o esquema machista. Em resposta, Rogéria aponta que

Os machões, inclusive, procuram caracterizar a mulher feminista como feia e horrorosa, ou então, homossexual. [...] todas elas têm realmente o direito de sair gritando por aí, porque os homens querem sempre fazer a mulher de capacho (SILVA, 1981, p. 10).

Assim sendo, a partir do enunciado, pode-se observar que a posição sujeito assumida por Rogéria encontra-se de acordo com o exposto pelo entrevistador. Isto é, enquanto estratégia de resistência frente aos padrões estéticos impostos pelos mecanismos de poder, a entrevistada se põe em posição de defesa das mulheres e, portanto, apoia a posição de combate ao machismo através da reeducação. A reeducação representa, portanto, uma forma de resistência que privilegia a defesa da liberdade e, conseqüentemente, almeja a fuga dos lugares de cerceamento. Vale destacar, nesse sentido, que a educação aqui é lançada enquanto uma responsabilidade que recai somente sobre as feministas.

5 Considerações finais

A análise da materialidade discursiva referente ao jornal *Lampião da Esquina* (1981), apesar do momento histórico no qual se encontra inserido, revelou a existência de concepções que se contrapõem aos sentidos marginalizados em torno desses sujeitos, haja vista que o jornal atribui ao sujeito Rogéria uma posição de prestígio, bastante diferente do tratamento associado aos indivíduos trans e travesti daquela época. O sujeito Rogéria, apesar de reforçar e reproduzir, em certa medida, determinados estigmas e preconceitos a respeito das travestis e transexuais, exerce uma postura de resistência, contribuindo para a desnaturalização da divisão binária de gênero. Vale pontuar que os limites entre o conceito da identidade de gênero trans

⁴ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/07/31/associacao-move-acao-contradeputado-do-psl-por-declaracoes-transfobicas>. Acesso: em 04 de maio de 2023.

e travesti não eram plenamente claros, o que se evidencia tanto pelo discurso de indivíduos que se referiam a elas, quanto pelo entendimento das próprias transexuais e travestis.

Faz-se importante salientar que a existência do jornal *Lampião da Esquina* durante o período ditatorial brasileiro representou a personificação do imaginário de coragem e força da comunidade LGBTQIA+ daquele período, haja vista que o periódico representa um marco na defesa da diversidade sexual e de gênero em pleno Estado de Exceção no Brasil. O referido jornal simboliza, pois, um instrumento de luta e resistência, que possuía o intuito de atribuir visibilidade e voz aos sujeitos trans e travestis, contribuindo, portanto, para o fortalecimento de identidades de gênero consideradas desviantes, que sofreram processos de marginalização através da valoração do vocábulo “bicha”.

Na materialidade em análise se observou, também, que o processo de constituição discursiva do sujeito trans feminino necessita da aceitação do olhar do outro para que se efetive plenamente. Isto é, existe a necessidade de que o outro, através do toque físico, como vimos, reconheça e valide a existência desse sujeito trans feminino. Para que, somente após, tal sujeito consiga alcançar ou obter a condição de liberdade e se sentir, por conseguinte, completo. Compreende-se, portanto, que o processo de constituição discursivo-midiática do sujeito trans feminino é atravessado tanto por discursos que o interditam, quanto por discursos que colaboram para a construção de sua subjetividade.

Referências

- BENTO, B. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond Ltda, 2006.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2010.
- CARVALHO, A. M. A noção de sujeito em Michel Foucault. In: SILVA, F. P. (Org.) **Travessias do sentido e outras questões de linguagens**. Mossoró: Queima Bucha, 2008, p.17-32.
- FERNANDES, C. A. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. São Carlos: Claraluz, 2008.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, M. As técnicas de si. In: **Ditos e escritos IX**: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Organização, seleção de textos e revisão técnica Manoel Barros da Motta; tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. p. 264-296
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019a.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019b.
- FOUCAULT, M. O Sujeito e o Poder. In: RABINOV, P.; DREYFUS, H. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica - para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados, Tradução de Cecília Holtermann. **Cadernos Pagu**, University at Buffalo, v. 14, n. 14, p. 45-86, jun./2000. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635340>. Acesso em: 04 de maio de 2023.

- LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MACHADO, R. Introdução. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019.
- MILANEZ, Nilton. Corpo cheiroso, corpo gostoso: unidades corporais do sujeito no discurso. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, Maringá, v.31, n.2, p. 215-222, 2009. Disponível em: [DOI: 10.4025/actascilangcult.v31i2.6684](https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v31i2.6684) | [Acta Scientiarum. Language and Culture \(uem.br\)](http://www.uem.br/acta/scilangcult/v31i2.6684). Acesso em: 04 de maio de 2023.
- SILVA, A. Rogéria super star: confissões íntimas da camisa 10 dos travestis. **Jornal Lâmpião da Esquina**, 1981. Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/36-LAMPIAO-DA-ESQUINA-EDICAO-32-JANEIRO-1981.pdf>.

Recebido em: 04/06/23

Aceito em: 29/08/23